

marco balzano

daqui não saio

Tradução
Ivone Benedetti

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2020

EDITORA-EXECUTIVA

Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL

Marcelo Vieira

ASSISTENTE EDITORIAL

Samuel Lima

REVISÃO

Renato Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Júlia Moreira

Juliana Brandt

TÍTULO ORIGINAL*Resto qui*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Balzano, Marco

B158d Daqui não saio [recurso eletrônico] / Marco Balzano; tradução Ivone Benedetti. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
recurso digital

Tradução de: Resto qui

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2462-5 (recurso eletrônico)

1. Romance italiano. 2. Livros eletrônicos. I. Benedetti, Ivone. II. Título.

20-62651

CDD: 853

CDU: 82-31(450)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Copyright © 2018 Marco Balzano

Originalmente publicado como *Resto qui* na Itália em 2018 por Giulio Einaudi editore.

Esta edição é publicada mediante acordo com Piergiorgio Nicolazzini Literary Agency (PNLA)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2020

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

A Riccardo

Uma história só perdura nas cinzas.
MONTALE

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: OS ANOS

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

SEGUNDA PARTE: FUGIR

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze

TERCEIRA PARTE: A ÁGUA

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Nota

Agradecimentos

PRIMEIRA PARTE
OS ANOS

CAPÍTULO UM

Você não sabe nada de mim, no entanto sabe muito porque é minha filha. O cheiro da pele, o calor do hálito, os nervos tensos, quem lhe deu fui eu. Por isso, vou falar com você como falaria a quem tivesse me visto por dentro.

Eu saberia descrevê-la nos mínimos detalhes. Aliás, algumas manhãs, quando a neve está alta, e a casa, envolta num silêncio que corta a respiração, voltam-me novos pormenores à memória. Algumas semanas atrás me lembrei de uma pintinha no seu ombro, que você sempre me mostrava quando eu lhe dava banho na tina. Era uma obsessão sua. Ou daquele cacho atrás da orelha, o único nos cabelos cor de mel.

As poucas fotografias que conservo eu tiro com prudência da gaveta; com o tempo, as lágrimas vão ficando mais fáceis. E eu odeio chorar. Odeio chorar porque é coisa de idiotas e porque não me consola. Só me deixa exausta, sem vontade de engolir qualquer coisa ou de vestir a camisola antes de ir dormir. No entanto, é preciso cuidar de si, ter garra, mesmo quando a pele das mãos está coberta de manchas. Lutar até o fim. Isso quem me ensinou foi seu pai.

Em todos estes anos sempre me imaginei uma boa mãe. Segura, brilhante, amiga... Adjetivos que não me servem mesmo. Na cidadezinha ainda me chamam de senhora professora, mas me cumprimentam de longe. Sabem que não sou um tipo afável. Às vezes me volta à memória a brincadeira que eu fazia com as crianças do primeiro ano. “Desenhem o bicho que mais se parece com você.” Agora eu desenharia uma tartaruga com a cabeça enfiada no casco.

Gosto de pensar que não teria sido uma mãe invasiva. Não lhe perguntaria, como minha mãe sempre fez, quem era este ou aquele, se você lhe dava bola ou se queria namorá-lo. Mas talvez essa seja mais uma das histórias que conto a mim mesma, e, se você estivesse aqui, eu a teria bombardeado de perguntas, olhando-a de esguelha a cada resposta evasiva. Quanto mais se passam os anos, menos a gente sente ser melhor que os pais. Aliás, se fizer comparações agora, estarei em franca desvantagem. Sua avó era rebarbativa e severa, tinha ideias claras sobre todas as coisas, distinguia facilmente o branco do preto e não tinha dúvida em agarrar tudo pelos cabelos. Eu, ao contrário, me perdi numa escala de cinzas. Ela achava que era por culpa do estudo. Considerava que qualquer pessoa instruída era inutilmente difícil. Preguiçosa, presunçosa, alguém que fica passando pente-fino em tudo. Eu, ao contrário, achava que o maior saber, em especial para as mulheres, eram as palavras. Fatos, histórias, fantasias, o que importava era ter fome de palavras e guardá-las ciosamente para quando a vida se complicasse ou se tornasse desvalida. Eu achava que as palavras podiam me salvar.

CAPÍTULO DOIS

Dos homens nunca fiz caso. A ideia de que houvesse alguma relação entre eles e o amor me parecia ridícula. Para mim, eram indivíduos desajeitados demais ou peludos demais ou rústicos demais. Às vezes as três coisas juntas. Por estes lados todos tinham um pedaço de terra e alguns animais, e dessas coisas era o cheiro que carregavam no corpo. Estábulo e suor. Se precisasse me imaginar fazendo amor, melhor com uma mulher. Melhor as duras maçãs do rosto de uma moça do que a pele espinhosa de um homem. Mas o melhor mesmo era ficar sozinha, sem prestar contas a ninguém. Aliás, ser freira é algo que não teria me desagradado nem um pouco. A ideia de me alhear do mundo me entusiasmava mais do que a de formar família. Mas Deus sempre foi um pensamento difícil demais que, quando me ocorria, me deixava perdida.

Só olhei para um: Erich. Via quando ele passava de manhãzinha, com o chapéu abaixado na testa e o cigarro no canto da boca já àquela hora. Toda vez eu queria aparecer na janela para cumprimentá-lo, mas, se abrisse, *Ma'* ia sentir frio e claro que ia mandar fechar logo.

— Trina, ficou louca?! — teria gritado.

Ma' era uma pessoa que sempre gritava. Mas, seja como for, mesmo que eu tivesse aberto a janela, o que iria dizer a ele? Com dezessete anos, eu era tão xucra que no máximo ia conseguir balbuciar. Então eu ficava olhando enquanto ele se afastava em direção aos bosques, e Grau, aquele cachorro dele todo malhado, ia empurrando o rebanho. Quando eram vacas, Erich se arrastava tão devagar que parecia imóvel. Então eu abaixava a cabeça para os livros, com a certeza de que ia vê-lo de novo no mesmo ponto e, quando levantava a cabeça, ele tinha ficado minúsculo no fim do caminho. Debaixo de uns lariços que já não existem.

Naquela primavera aumentou o número de vezes em que me vi com os livros abertos e o lápis na boca, imaginando Erich. Quando *Ma'* não estava trastejando por perto, eu perguntava a *Pa'* se a vida dos camponeses era uma existência de sonhadores. Depois de cuidar da plantação pode-se ir para os prados com os animais, sentar-se numa pedra e ficar em silêncio, a olhar o rio descendo plácido há sabe-se lá quantos séculos, o céu frio que não se sabe onde acaba.

— Os camponeses podem fazer tudo isso, né, *Pa'*?

Pa' dava uma risadinha, com o cachimbo entre os dentes.

— Vá perguntar àquele moço que você fica espiando de manhã pela janela se o trabalho dele é de sonhador...

A primeira vez que falei com ele foi no pátio do *maso* *. *Pa'* era marceneiro em Resia, mas mesmo em casa parecia estar na marcenaria. Era constante o entra e sai de gente que ia pedir consertos. Quando as visitas iam embora, *Ma'* resmungava que nunca nos davam paz. Então ele, incapaz de aceitar nem meia bronca, respondia que não havia motivo nenhum para reclamar, porque um comerciante está trabalhando até quando oferece uma